

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1894)
FRANCISCO RAMEL PESTANA (1875-1890)
JULIO MESQUITA (1895-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1999)

LUIS CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1996)
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISSTUMA MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIS CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCANTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARTANA UEMURA SAMPAIO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MALGUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

Gângster reeleito

estadodigital#wsmuniz30@gmail.com



Putin faz da Rússia maior ameaça à Europa desde totalitarismo do séc. 20. Para enfrentá-la, é preciso paciência e determinação. Mas tem havido muito da primeira e pouco da última

As eleições fraudulentas na Rússia oficializaram um quinto mandato de Vladimir Putin. Após seus oponentes serem eliminados por mortes “misteriosas”, o único adversário capaz de derrubá-lo é a morte. É um opositor inexorável, mas caprichoso, e a probabilidade é de que Putin chegue a 2030 liderando a Rússia por 30 anos, mais tempo do que Stalin.

Putin tem mais em comum com Stalin do que a longevidade. O ex-oficial da KGB também é paranoico e se cercou de milhares de serviços da polícia

secreta. Como Stalin, Putin sabe estimular e explorar divisões das facções de seu regime para manter o poder – como um “chefe mafioso”, nas palavras de Yulia Navalnia, viúva do ativista Alexei Navalni.

Como Stalin, Putin é um mestre da desinformação e tem o apoio de um segmento poderoso da opinião pública, incluindo militares, burocratas e a inteligência da velha hierarquia soviética, além da Igreja Ortodoxa. Após o caos dos anos 90, ele se vendeu à população da Rússia profunda como um garantidor da ordem, atuando como tirano e

posando de populista – como um chefe mafioso.

Assim como Hitler abasteceu sua máquina totalitária inflamando o revanchismo e o ressentimento após a Grande Guerra e o Tratado de Versalhes, Putin culpa o Ocidente pelo colapso da União Soviética e o desmoronamento do império russo. Para reconstruí-lo, Putin conta com as armas nucleares herdadas da URSS e imensas reservas de petróleo e gás. Como Hitler buscou fundir os povos germânicos em uma cultura e um Estado, Putin conta, nas antigas colônias soviéticas, com ex-líderes desapropriados e minorias étnicas russas que ele pode agitar – como Hitler fez com as minorias germânicas, por exemplo, na Tchecoslováquia – para justificar intervenções russas. Suas milícias mercenárias no Oriente Médio e África são uma ferramenta para extorquir de regimes vassalos dinheiro e recursos naturais – como um chefe mafioso. No “Sul Global”, ele conta com um plantel de “idiotas úteis” prontos a aplaudir suas agressões como resistência ao “imperialismo estadunidense”.

Mas Putin tem suas fraquezas. Como Mussolini, ele é vaidoso. A Rússia é mais fraca do que foi um dia. A aliança tática contingencial com a China não reverte sua rivalidade estratégica estrutural. No longo prazo, o desacoplamento com o Ocidente e a dependência da China enfraquecem a posição russa. Desviando suas exportações para regimes autocráticos e reengendrando uma economia de guerra, Putin tem conseguido sustentar a economia. Mas isso impactará a produtividade. A população é declinante e a ruptura

com o Ocidente obliterará possibilidades de inovação, condenando a economia à mediocridade e à dependência de commodities.

O que falta ao Ocidente é uma estratégia coerente para explorar essas vulnerabilidades. Armar e financiar a Ucrânia ainda é o melhor meio de impor custos a Putin. Mas, se às vezes os líderes ocidentais falam grosso – como Churchill contra Hitler –, com frequência cedem à ilusão do apaziguamento – como Chamberlain. As sanções são importantes, mas seu impacto é limitado. A dissuasão pelo fortalecimento militar progride, mas não tanto quanto o necessário.

O Ocidente claudica na guerra das ideias, falhando em convencer o “Sul Global” não só do valor dos princípios liberais, mas de sua eficácia. Também deveria ficar claro que o pária é Putin, não o povo russo. “Precisamos criar uma matriz de uma Rússia livre fora da Rússia”, alertou o ativista Garry Kasparov. Putin decapitou a oposição, mas seu espírito vive em antagonistas exilados e numa comunidade silenciosa disposta a protestar corajosamente, como se viu no funeral de Navalni e nas filas para votar ao meio-dia em sinal de protesto, como pediu Navalni antes de morrer.

Sem derramamento de sangue, os russos neutralizaram o aventureirismo do sucessor de Stalin, Nikita Kruchev, e o Ocidente pôs fim à guerra fria. Para impor o mesmo destino ao regime de Putin, será preciso uma combinação equivalente de paciência e determinação. Mas, até agora, tem havido muito da primeira e muito pouco da última. ●

Bomba-relógio ambiental

Com mais de 70 dias sem acordo, a greve de funcionários ambientais prejudica combate ao desmatamento, afeta a Terra Indígena Yanomami e trava obras que precisam de licenciamento

Uma bomba-relógio está sendo armada diante dos efeitos perigosos da greve iniciada em janeiro – a paralisação dos profissionais do meio ambiente, que reúne funcionários de carreira do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e do Serviço Florestal Brasileiro. Eles pedem reajuste salarial e reestruturação de carreiras. E assim já se vão quase 80 dias de greve, com impacto direto sobre a fiscalização ambiental e a emissão de licenças para obras de infraestrutura suspensas. Ou seja, numa só tacada, a extensão da paralisação gera riscos tanto para o meio ambiente quanto para a economia: o primeiro, pelo contexto de metas ambiciosas de redução do desmata-

mento na Amazônia e outros biomas brasileiros; o segundo, ante o temor de que faltem autorizações para operações de hidrelétricas e linhas de transmissão, assim afetando a geração futura de energia elétrica do País.

Os riscos vão muito além dos maus presságios. Entre os números que desmontam o tamanho do perigo em curso, decorrente do movimento grevista e dos entraves das negociações, destaca-se a redução expressiva de todas as atividades realizadas em campo por esses órgãos. Até o fim de fevereiro, por exemplo, as infrações por desmatamento registradas pelo Ibama na Floresta Amazônica caíram 89%. Foram apenas 83 penalidades neste ano, ante 770 no mesmo período do ano anterior. Como é improvável que essa redução tenha se dado por uma milagrosa queda nas ilegalidades co-

metidas na Amazônia, trata-se de um número perturbador. No ICMBio, a aplicação de multas ambientais caiu 85%, enquanto autos de infração e termos de apreensão tiveram queda de 86% e 74%, respectivamente. Em todo o Brasil, o número de infrações aplicadas pelo Ibama caiu 68,5%, índice que chega a quase 78% quando se trata de desmatamento. Rigorosamente nenhuma licença ambiental necessária para a liberação de novas hidrelétricas e termoeletricas no País foi emitida neste ano.

Os efeitos também serão sentidos numa das frentes mais sensíveis na Amazônia – a situação de flagelo na Terra Indígena Yanomami, onde as operações de funcionários ambientais também estão prejudicadas. A região enfrenta uma alta de casos de desnutrição e malária entre a população, potencializada pelo avanço do garimpo ilegal e pelas fragilidades na fiscalização promovida pelo Estado brasileiro. Apesar de toda a pompa e circunstância da pregação lulopetista de defesa do povo yanomami diante da tragédia humanitária, o fato é que, em 2023, no primeiro ano de gestão de Lula da Silva, avançou o crescimento do número de mortes de indígenas na área. Com a greve, segundo os próprios órgãos, não há servidores no meio da mata para ajudar a enfrentar as facções criminosas que avançam sobre a terra indígena.

A ministra de Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, garan-

te que o governo está fazendo um grande esforço para chegar a um acordo adequado. A ministra de Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, assegura que os funcionários da área ambiental que estão paralisados têm “consciência” do papel que exercem sobre a agenda do meio ambiente. Os grevistas dizem esperar uma nova proposta do governo ainda neste mês. Nesse jogo de empurra e travas, todos perdem. Mas podem perder, sobretudo, o Brasil e suas ambições climáticas e ambientais num ano tão decisivo.

Convém sublinhar que 2023 representou um ano de queda significativa na área desmatada na Amazônia, da ordem de quase 50%. Além da continuidade do nível de queda na devastação na região, necessária inclusive para cumprir as metas internacionais de emissões previstas, é importante lembrar que, no Cerrado, o índice cresceu 43% no ano passado. Além disso, sem vitórias em campo, as análises de pedidos de licenças ambientais para grandes obras se tornam inviáveis. Projetos de interesse nacional ou que afetem territórios indígenas e parques nacionais dependem de licenciamento do Ibama, incluindo, além das usinas hidrelétricas e termoeletricas, obras de portos, aeroportos e estradas.

Nada disso pode ficar pendente em razão de uma greve que já deveria ter acabado, sobretudo porque o governo é liderado por ex-paredista. ●